



PEDAGOGIA DE PROJETOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

PEDAGOGY OF PROJECTS AND TEACHING OF HISTORY

 <http://orcid.org/0000-0001-6819-3900> Regina Celi Frechiani Bitte^A
 <http://orcid.org/0000-0001-8526-9970> Fabiana Moura Gonçalves Mouro^B

^A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil

^B Rede Municipal de Ensino de Vitória do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil

Recebido em: 24 04 2020 | Aceito em: 31 07 2020

Correspondência: Regina (bitterregina@gmail.com); Fabiana (fabiana_moro@ig.com.br)

Resumo

Apresenta uma experiência do ensino da História que proporcione aos alunos do ensino fundamental a compreensão do processo histórico a partir da alimentação. O relato do projeto “Seis mil anos de pão” analisa o trabalho realizado por bolsistas, em uma escola “A”, em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Busca-se refletir sobre a pedagogia de projetos aplicada aos estudantes do sexto ao nono ano. Trata-se de uma concepção de ensino e aprendizagem focada no interesse do aluno sobre certas temáticas e estratégias para além do currículo proposto. O resultado foi uma intensa participação nas atividades organizadas, refletindo de forma positiva no aprendizado.

Palavras-chave: Ensino de História; Pedagogia de projetos; História do pão; Alimentação.

Abstract

It presents an experience of history teaching that provides elementary school students with an understanding of the historical process based on food. The report of the project "Six thousand years of bread" analyzes the work carried out by scholarship holders, in a School "A", in partnership with the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID). It seeks to reflect on the pedagogy of projects applied to students from the sixth to the ninth year. It is a conception of teaching and learning focused on the interest of the student on certain themes and strategies beyond the proposed curriculum. The result was an intense participation in organized activities reflecting positively on learning.

Keywords: Teaching of History; Pedagogy of projects; History of the Bread; Feeding.



Introdução

Um dos maiores desafios que o professor dos anos finais do ensino fundamental enfrenta é conseguir envolver os adolescentes no processo de ensino-aprendizagem de forma efetiva, garantindo sua atenção, seu interesse e sua participação nas atividades desenvolvidas.

Nesse sentido, o ensino por projetos é considerado, entre tantas outras estratégias pedagógicas, como uma possibilidade de dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, restituindo ao aluno o papel de investigador, o encantamento pela descoberta e a satisfação no aprendizado.

Assim, o projeto “Seis mil anos de pão” teve como objetivo envolver diversos protagonistas para desenvolverem subprojetos em torno de um tema, integrando os conteúdos curriculares e os diversos recursos tecnológicos disponibilizados pela escola e pelos alunos no processo de construção do conhecimento. A parceria estabelecida entre os protagonistas (gestores, alunos, professores e família) contribuiu para a busca de soluções que permitissem viabilizar a realização de novas práticas pedagógicas pela professora e pelos bolsistas de Iniciação à Docência (ID), integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tendo em vista a aprendizagem para orientar a vida prática no tempo (SCHMIDT; BARCA; MARTINS; 2011).

Nosso trabalho estrutura-se em quatro partes: na primeira, descrevemos os caminhos percorridos para a efetivação do projeto; na segunda, apresentamos um histórico sobre as práticas pedagógicas na escola, centradas na pedagogia de projetos; na terceira, fizemos incursão histórica sobre o pão, que foi a inspiração para o nosso trabalho; por último, a conclusão.

O caminho trilhado

Para desenvolvimento prático da atividade de ensino, tomando como ponto de partida o tema “Pedagogia de projetos no ensino de História”, fez-se necessário nos apoiar na metodologia de projetos que, conforme explica Leite (1996), se constitui em um tripé com três fases ou etapas, intimamente interligadas: a problematização, o desenvolvimento e a síntese.

A problematização é um passo fundamental, pois dela depende todo o desenvolvimento do projeto. Em sua bagagem, os alunos trazem hipóteses, explicações e concepções sobre o mundo que o cerca. Portanto, a investigação pode partir desses saberes prévios. Assim, nessa

fase da problematização, o professor, ao diagnosticar os saberes prévios dos alunos, identifica o que eles já sabem e o que desconhecem sobre o tema que lhes foi proposto. As inquietações dos alunos, levantadas nessa etapa, orientam a organização do projeto.

A fase do desenvolvimento se caracteriza por esforços, buscas para criar e propor estratégias para respostas às questões e hipóteses levantadas na etapa da problematização. Nessa fase, o professor deve propor, implementar estratégias e metodologias que instiguem o discente a analisar, explicar, perceber mudanças, permanências, rupturas e continuidades, revendo hipóteses, criando problemas e abordagens. Portanto, é essencial que se propiciem condições para que os alunos confrontem os conhecimentos que possuem sobre o tema com os conhecimentos científicos já produzidos. É necessário criar propostas de trabalho que visem à saída do espaço escolar, à organização de estudos em grupo, ao uso de bibliotecas, de dispositivos eletrônicos e à visita de pessoas na escola para discutir os temas propostos.

A fase da síntese se caracteriza pela mescla da problematização, do desenvolvimento, quando hipóteses e convicções iniciais são revistas, haja vista que, conforme bem salienta Leite (1996), no desenvolvimento do processo, as convicções iniciais superam-se e outras mais complexas são construídas para a formação da síntese. Assim, novas aprendizagens passam a fazer parte dos esquemas de conhecimento dos alunos e a subsidiar outras situações de aprendizagem. Em consequência, à medida que o projeto vai se desenvolvendo, observa-se que os conteúdos trabalhados vão sendo (re)significados no seu dia a dia.

Dessa forma, esses três momentos (problematização, desenvolvimento e síntese) não são estanques. Os projetos são processos contínuos, não podem simplesmente ser reduzidos a uma lista de objetivos e etapas. Eles refletem uma concepção de conhecimento com produção coletiva, em que a experiência vivida e a produção cultural sistematizada se entrelaçam, dando significado às aprendizagens construídas.

No entrelace desses três momentos, podemos situar a pedagogia de projetos como uma proposta de intervenção pedagógica que dá um sentido novo à atividade de aprender. Nessa perspectiva, as necessidades de aprendizagem afloram com o objetivo de resolver questões-problema pensadas pelos próprios alunos. Vislumbra-se assim a possibilidade de gerar reais e diversificadas situações de aprendizagem, possibilitando que os alunos construam sua autonomia intelectual, com incentivo para debaterem, opinarem e pesquisarem sobre determinados temas.

Assim, com base em tais pressupostos, produzimos o projeto “Seis mil anos de pão”, implementado pelo subprojeto História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

De imediato, vale destacar que a gênese do projeto “Seis mil anos de pão” está diretamente vinculada aos esforços e reflexões em desenvolver atividades formativas pelo PIBID da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com o objetivo de impactar as propostas de ensino da escola parceira onde seriam realizadas as atividades de imersão e intervenção na prática e no cotidiano escolar.

A escola parceira onde realizamos as atividades práticas do Subprojeto História do PIBID-UFES, pertence à rede municipal de ensino de Vitória/ES. Há alguns anos, essa instituição fez a opção por trabalhar com desenvolvimento de projetos paralelos ao conteúdo dos anos finais do ensino fundamental, no currículo de todas as áreas de conhecimento, em interface com práticas construtivistas, elencando os autores Fernando Hernández (1998), Lúcia Helena Alvarez Leite e Verônica Mendez (2000) e Antoni Zabala (1998).

As práticas construtivistas e a pedagogia de projetos coadunaram-se na proposta pedagógica da nossa escola parceira. Nessa proposta, o educando é o próprio agente de seu desenvolvimento, e o conhecimento é construído com a mediação do educador, ou seja, propõe-se um trabalho pedagógico que valorize a participação do educando e do educador no processo de ensino-aprendizagem, tornando-os responsáveis pela elaboração e pelo desenvolvimento de cada projeto de trabalho.

Ao professor cabe planejar e orientar as atividades de pesquisa do aluno, identificar as limitações e apontar estratégias aos desafios encontrados. Aos alunos, expor dúvidas, compartilhar seus saberes, assim como valorizá-los, contribuindo para o debate e a formulação de novos conhecimentos.

Aprofundando essa discussão, entendemos que a construção do conhecimento se estabelece nas relações interpessoais das experiências vividas na coletividade. O conhecimento é produzido e internalizado por meio dessas interações sociais indo de encontro à concepção de que a aquisição de novos conhecimentos se realiza de forma passiva pelo receptor.

Na interface com práticas construtivistas, encontram-se subsídios para a superação das aulas expositivas como metodologia exclusiva, apontando caminhos para o ensino que estimulem o desenvolvimento cognitivo do aluno. Trata-se de uma perspectiva interacionista, na qual homem e mundo são analisados conjuntamente, já que o conhecimento é produto da interação entre sujeito e objeto.

A escola, por sua vez, deve possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas potencialidades de ação motora, verbal e mental, de forma que ele possa intervir no processo sociocultural, com perspectivas de mudanças na sociedade. Portanto, o ensino deve ser baseado, na pesquisa, na investigação e na solução de problemas por parte do aluno, e não somente em objetivos conceituais, conforme aponta Mizukami (1986).

Assim, a escola parceira em que desenvolvemos as atividades práticas do subprojeto História do PIBID-UFES abre possibilidades e perspectivas para o desenvolvimento e a implementação de nossa proposta de ensino, pautada nos pressupostos da pedagogia de projetos.

De acordo com Silva e Tavares (2010), a discussão sobre pedagogia de projetos não é nova. Ela surgiu no início do século XX, com John Dewey, na chamada “Pedagogia Ativa”. A discussão estava embasada numa concepção de que educação é um processo de vida, e não uma preparação para a vida futura; de que a escola deve representar a vida presente tão real e vital para o aluno como a que ele vive em casa, no bairro ou no pátio, conforme aponta Dewey (1967). Embasado nessa concepção, surgiu o método de projetos, mais tarde denominado pedagogia de projetos.

O método por projetos, segundo Silva e Tavares (2010), propõe que os saberes escolares estejam integrados aos saberes sociais, a fim de possibilitar que os alunos construam um sentido histórico nos conteúdos trabalhados, a partir da interpretação de seu mundo e de si mesmo, busquem aplicar essa interpretação na resolução de problemas na vida prática, percebendo-se como sujeito histórico. Hernández (1998) descreve a importância de trabalhar com projetos:

[...] aproxima-se da identidade dos alunos, e favorece a construção de subjetividades longe de um prisma paternalista, gerencial ou psicologista, o que implica em considerar que a função da escola não é apenas ensinar conteúdos, nem vincular a instrução com a aprendizagem [...] (HERNÁNDEZ, 1998, p.61).

Concordamos com o autor e acrescentamos que a pedagogia de projetos propõe mudanças de postura a serem trabalhadas no ensino de História, além de oportunizar ao aluno novas formas de aprender, por meio da interação com as experiências educativas e da construção de conhecimento com as práticas vividas.

Essa abordagem possibilita a transformação do espaço escolar em um espaço vivo, não se limitando a informar somente os conhecimentos acumulados pela sociedade, mas permitindo desvendar o desafio de uma contínua crítica e elaboração de seus saberes, no qual os alunos se sentem autônomos, reflexivos, participativos e, arriscamos dizer, felizes.

Assim, o que pudemos observar é que a escola parceira não deixou de praticar o trabalho pedagógico a partir do desenvolvimento de projetos diversificados de acordo com interesses e necessidades de seus educandos e educadores. O que temos de significativo então é que a Escola sempre buscou desenvolver práticas pedagógicas que contribuíssem para a construção do conhecimento fundamentado nos conteúdos acumulados por seus educandos, ampliando suas possibilidades por meio do trabalho com projetos paralelos ao currículo/conteúdo proposto.

Entendemos que o trabalho por projetos requer mudanças na concepção de ensino e aprendizagem, bem como mudanças na postura do professor. Hernández (1998, p. 49) enfatiza que o trabalho por projetos “[...] não deve ser visto como uma opção puramente metodológica, mas como uma maneira de se pensar a escola [...]”. Esse entendimento é importante, pois não basta conhecer os procedimentos e os métodos para desenvolver projetos. As condições reais da escola, do corpo docente e do corpo discente devem fazer parte do processo. Portanto, não existe um modelo ideal, pronto e acabado, que dê conta da complexidade da realidade de sala de aula e do contexto escolar. Ele precisa ser construído. Assim, em consonância com tais pressupostos, surgiu o nosso projeto “Seis mil anos de pão”.

O projeto: “Seis mil anos de pão”

O projeto nasceu da discussão do grupo de bolsistas do PIBID, atuantes na escola em questão, juntamente com a professora parceira e professora coordenadora, mediante o desafio de desenvolver um trabalho com as turmas do sexto ao nono ano, tendo por base um tema único. A ideia era partir de um tema que perpassasse todos os períodos históricos e assim pudesse ser trabalhado com os anos finais do ensino fundamental — uma forma de integrar os conteúdos dos anos referenciados sob uma mesma temática — e que promovesse inquietação intelectual, compartilhamento e troca de atividades e reflexões, como argumentam Abud, Silva e Alves:

[...] o professor, para desenvolver um trabalho inovador, com qualidade e foco, precisa eleger um eixo temático capaz de permitir a relação com outros processos envolvidos nos eventos históricos [...] escolha do eixo precisa levar em conta o projeto da escola (ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 80).

Pensamos em alguns temas transversais que estão em voga na atualidade, mas logo os descartamos, procurando dar um enfoque mais histórico e, ao mesmo tempo, mais abrangente à temporalidade em questão. Assim, um dos bolsistas sugeriu o tema “alimentação”, baseando-se na obra “Seis mil anos de pão”, de Heinrich Eduard Jacob (2003).

Como surgiu o pão? Como era o pão dos primeiros tempos? Com essas indagações, obtivemos o ponto de partida para o desenvolvimento do currículo de História por meio de um único tema que abarcou todas as séries do ensino fundamental.

A sugestão logo se mostrou como uma oportunidade de trabalhar a História sob a perspectiva da História Cultural, que tem por principal objetivo “[...] identificar os modos como em diferentes e momentos uma determinada realidade social é constituída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17), colocando-se como um paradigma para compreender as várias leituras possíveis que podem ser realizadas por professores e alunos no desenvolvimento do projeto, representando uma alternativa às perspectivas político-econômicas tão comuns na historiografia tradicional.

O segundo passo foi dialogar com os alunos sobre a possibilidade de estudar os conteúdos a partir do alimento “pão”. De início, eles ficaram surpresos. Como estudar os conteúdos através do pão? Aos poucos, o projeto foi sendo esboçado em cada ano a partir das sugestões/questões levantadas pelos bolsistas e alunos. Assim, foi pensado e planejado um subtema para os anos finais do ensino fundamental. O projeto só tomou forma, isto é, se corporificou, com a participação dos alunos. Para cada pergunta formalizada, os “pesquisadores” foram criando suas hipóteses. Entendemos que a formalização do projeto não deve ser considerada como o primeiro passo da pesquisa. Curiosidades e problemas podem ser rascunhados, anteriormente à formalização do projeto.

A obra, escrita pelo intelectual e judeu alemão Heinrich Eduard Jacob (2003), que sobreviveu à Primeira Guerra Mundial e refugiou-se nos Estados Unidos, conta a história da humanidade por meio de seu principal alimento: o pão. Partindo do período neolítico, com a seleção de grãos e a invenção do arado, até as civilizações antigas, medievais, modernas e contemporâneas, Jacob (2003) coloca o pão em destaque, proporcionando saciedade da fome, conforto espiritual, incentivos ao capitalismo e, nos momentos em que faltou, motivando guerras e/ou derrotando exércitos.

No desenvolvimento do projeto “Seis mil anos de pão”, organizamos os licenciandos bolsistas por área de interesse (História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea) e elencamos os conteúdos a serem trabalhados de acordo com o ano e em conformidade com a proposta curricular da unidade escolar, bem como com o planejamento de ensino da professora parceira. Assim, o bolsista com maior conhecimento em determinado conteúdo ficaria responsável por desenvolver um subtema com um dos anos finais do ensino fundamental.

O sexto ano ficou com o subtema “A revolução do pão”, em que foi abordada a origem do alimento, sua evolução e importância social durante a Antiguidade Ocidental. O sétimo ano trabalhou o subtema “O pão nosso de cada dia”, abordando a mentalidade medieval cristã. No oitavo ano, foi trabalhado o subtema “Pão e revolução”, com ênfase na história do pão e sua importância nas revoluções da Europa na época moderna. Já o nono ano trabalhou o subtema “Pão entre guerras”, com o início da era contemporânea (com ênfase na Primeira Guerra Mundial).

Seguindo os pressupostos da pedagogia de projetos, estabeleceu-se uma dinâmica de desenvolvimento dos subtemas, estruturada em atividades diversificadas, como aulas expositivas (ministradas pelos bolsistas), atividades de pesquisa individual e em grupos, em casa e na sala de aula, interpretação de imagens, produção de releituras de iconografias, produção de textos e seminário de conclusão.

Todos os trabalhos de desenvolvimento dos subtemas do projeto foram orientados e coordenados pela professora supervisora do projeto na escola parceira da rede municipal de ensino de Vitória/ES, bem como pela professora coordenadora do subprojeto de História/PIBID-UFES.

A pedagogia de projetos estimula a introdução e a produção de atividades diversificadas e mais dinâmicas, baseadas no diálogo, possibilitando a alunos e professores interatividade no processo de construção de conhecimentos. Essa proposta de trabalhar aulas mais interativas vai ao encontro do ensino de História na perspectiva da Nova História, que propõe o processo de ensino-aprendizagem a partir de novos olhares, sensíveis aos objetos, aos problemas e às abordagens. O enfoque desse trabalho foi a vertente da História Cultural.

Para tanto, em nosso grupo de estudo, realizado nas terças-feiras pela manhã, no horário de planejamento da professora, foram contempladas leituras e discussões de Esteban (2013) e Leite (1996) para melhor compreensão da proposta da pedagogia de projetos, em articulação com o ensino de História, a partir de Bittencourt (2004), Paiva (2002), Rossi e Zamboni (2005) para subsidiar os diferentes percursos em relação ao ensino-aprendizagem.

O caminho se faz caminhando...

Conforme mencionado anteriormente, o sexto ano trabalhou o subtema “A revolução do pão”, cujo objetivo principal foi abordar a temporalidade histórica partindo do presente para o passado. Para tanto, partimos de algumas questões-problema: o pão que comemos hoje é igual

ao que se comia na Antiguidade? como era a cor? usavam fermento? todo mundo comia pão? era o mesmo pão para todos?

Para desenvolvimento do subtema, os bolsistas, sob orientação das professoras supervisora e coordenadora do projeto, utilizaram quatro aulas. Na primeira aula, abordaram o uso do pão no Egito antigo; na segunda e na terceira aulas, o enfoque ficou centrado em discutir como esse alimento passou a fazer parte da dieta de outros povos, como os hebreus e os gregos, que tiveram contato com esse alimento por intermédio dos egípcios e, por fim, a Roma Clássica, que passou ter o pão em sua dieta alimentar no contato com os gregos. A quarta aula ocorreu para orientar o trabalho de escrita de pequenos textos ilustrados.

Com o intuito de tornar as aulas mais atrativas e participativas, foram utilizadas iconografias em que apareciam o alimento “pão”. Conforme bem salienta Paiva (2002), o uso da imagem, da iconografia e das representações gráficas vem instigando e propiciando novas metodologias no ensino de História. O recurso imagético aproxima, ainda mais, o aluno do conteúdo de trabalho. A imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades.

Por isso, houve o cuidado ao trabalhar essa fonte, com perguntas que caracterizaram o início do nosso trabalho e de nossas reflexões: Quando? Onde? Quem? Para quem? Para que? Por quê? A esses questionamentos foram acrescidos outros procedimentos, pois tais registros, com o passar dos anos, sofreram apropriações diante da necessidade e dos projetos de tais usuários (PAIVA, 2002).

Assim, utilizando a projeção de imagens, os bolsistas lançavam várias perguntas e questionamentos, instigando os discentes a pensar conteúdos tão distantes, mas que, ao mesmo tempo, também são associados a práticas alimentares que perpassam várias temporalidades, por exemplo, o pão, presente no cotidiano da Antiguidade, assim como no nosso presente.

Além da análise de imagens, foi solicitado ao aluno que, após explicação e discussão dos conteúdos, produzisse um pequeno texto ilustrado que contemplasse esse alimento. O objetivo dessa atividade foi trabalhar as permanências e as rupturas no processo histórico no que se refere à alimentação. Os textos e as imagens retrataram as diversas temporalidades por que passou o pão. A conclusão do subprojeto deu-se com a produção de um livro com várias receitas de pão.

O subprojeto desenvolvido com a turma do sétimo ano trabalhou com “O pão nosso de cada dia”. Para tanto, o objetivo central foi trabalhar o pão como nutrição e símbolo religioso. Foi elaborado um planejamento contemplando cinco aulas. Na aula inaugural, apresentou-se

um pequeno vídeo contando a história do pão com o objetivo de debater as questões de nutrição da Idade Média, destacando o pão como base dessa alimentação, presente de formas diferentes tanto na mesa dos servos quanto na mesa dos senhores.

A segunda aula foi mais expositiva e dialogada, destacando o pão como símbolo religioso e como esse alimento estava presente em diversas culturas. Na terceira aula, contemplou-se o controle da Igreja Católica no período medieval, sendo utilizado o recurso imagético nessa atividade.

A quarta e a quinta aula marcaram a culminância das temáticas trabalhadas. Elaborou-se um mural com a exposição de resultados das pesquisas realizadas em grupos pelos discentes, das atividades feitas em casa, no decorrer das aulas e sob orientação dos bolsistas. Foram realizadas ainda pequenas encenações teatrais sobre a Idade Média, com destaque para a produção e o uso do pão.

O subprojeto “Pão e Revolução”, desenvolvido com o oitavo ano, teve como objetivo trabalhar conteúdos pertinentes à História Moderna. A partir do alimento, trabalharam-se conteúdos relacionados à Revolução Francesa, à Revolução Industrial e à Revolução Inglesa.

Para realização do subprojeto, foram disponibilizadas seis aulas, em cujo decorrer foram realizadas tarefas individuais, em grupos e estudos dirigidos. Foram reservadas duas aulas para os alunos confeccionarem pequenos formatos de pães com o objetivo de montar uma mesa temática, exposta na finalização do projeto “Seis mil anos de pão”.

No desenvolvimento da proposta, procuramos partir da análise cultural para a análise política, fazendo assim uma inversão da forma que normalmente é apresentada nos livros didáticos. Buscamos abordar a História a partir do cotidiano discente, revelando como viviam os homens nos seus fazeres cotidianos: os desconhecidos da História. Ao realizar tal inversão, tomou-se o cuidado para não trabalhar a história anedótica pitoresca, como bem nos lembra Le Goff: “[...] o cotidiano só tem valor histórico e científico no seio de uma análise dos sistemas históricos, que contribuem para explicar o seu funcionamento” (LE GOFF, 1989, p. 79).

O subprojeto trabalhado com o nono ano denominou-se “O pão entre guerras”. No seu desenvolvimento, contou-se com a carga horária de seis aulas. Na primeira e segunda aulas, foi feita uma contextualização sobre o pão na Primeira Guerra Mundial, na crise de 29 e na Segunda Guerra Mundial. Para explicar o tema, foram utilizados *slides* contendo depoimentos do *front* de batalha, os quais enfatizavam a precariedade da alimentação dos combatentes, e fragmento de textos retirados do livro de Jacob (2003), conforme exemplificado na citação a seguir, em

que Jacob (2003, p. 466) reproduz um depoimento marcante de um oficial alemão em campanha no sul da Bélgica:

Para nosso espanto, a tropa que efetuava a cabo o ataque parou, sem que fosse por ação do fogo dos britânicos. Que teria acontecido? A disciplina dos soldados alemães tinha-se eclipsado completamente quando eles entraram nas trincheiras abandonadas pelo inimigo e encontraram o resto dos mantimentos aí guardados. Não obedeciam a nenhuma ordem. Aqueles soldados tinham passado meses a fio sem alimentação suficiente e a visão daquelas provisões exercera sobre eles um poder absoluto. Em plena batalha, deixavam o combate de lado e atiravam-se com as baionetas aos sacos de pão dos ingleses e às latas de conserva norte-americanas e comiam até cair para o lado.

Segundo Jacob (2003), a alimentação está relacionada às formas de organização da humanidade na História. O pão, conforme estudos realizados pelo autor, constitui a base alimentar (mesmo com as suas variedades de produção) nas civilizações. Dessa forma, partindo desse alimento, abordaram-se os conteúdos da Primeira Guerra Mundial, da Crise de 1929 e da introdução à Segunda Guerra Mundial.

Conclusão

Vislumbrar o desenvolvimento da aprendizagem com a participação do aluno, tendo como referência a pedagogia de projetos, e a existência de novos caminhos para vencer antigos paradigmas ainda é um desafio presente na educação. Assim, poderá o educador ter um olhar inovador, para que possa proceder a mudanças na forma de ensinar, priorizando a formação de alunos reflexivos, críticos, conscientes de suas decisões e realmente cidadãos.

Partindo da premissa de que a pedagogia de projetos incorpora uma dinâmica de ensino-aprendizagem mais democrática ou uma história ensinada a partir de uma história vivida e coloca o aluno como sujeito que, vivendo em sociedade, é coautor dos processos históricos, o projeto “Seis mil anos de pão” buscou proporcionar ao estudante a compreensão de conteúdos a partir da problematização de uma ação cotidiana aparentemente simples: o prazer de saborear um pedaço de pão no café da manhã.

O pão, presente na maioria dos lares, feito com os mais diversificados grãos, com diferentes formas e tamanhos, é o alimento básico nas mais variadas culturas, países e/ou sociedades. Então, do hábito rotineiro de se alimentar do pão, formulou-se uma pergunta: como surgiu o pão? Foi possível, a partir dessa questão, estudarmos os conteúdos de História nos anos finais do ensino fundamental, contemplando desde os povos antigos até os dias de hoje.

A culminância do projeto se deu com a participação de todos os anos iniciais, da comunidade escolar e dos familiares dos alunos. Foi uma manhã de intensa atividade, com palestra, apresentações teatrais, exposição do livro de receita e da mesa com pequenos formatos de pães confeccionados com biscoito. Para encerrar nossa manhã de intensas atividades, foi organizada uma deliciosa mesa para degustação de pães produzidos pelos alunos e seus familiares.

Referências

- ABUD, K. M.; SILVA, A. C. de M.; ALVES, R. C. *Ensino de história*. São Paulo: Cengage Learning, 2010. (Coleção Ideias em Ação).
- BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DEWEY, J. *Vida e educação*. Tradução de Anízio Teixeira. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- ESTEBAN, M. T. Pedagogia de projetos: entrelaçando o ensinar, o aprender e o avaliar à democratização do cotidiano escolar. In: SILVA, J. F.; HOFFMANN, J.; ESTEBAN, M. T. (Org.). *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo*. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e mudança na educação: projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- JACOB, H. E. *Seis mil anos de pão: a civilização humana através de seu principal alimento*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.
- LEITE, L. H. A. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 2, n. 8, p. 24-33, mar./abr. 1996.
- LE GOFF, J. A história do cotidiano. In: DUBY, G.; ARIÈS, P.; LE GOFF, J.; LADURIE, E. LE R. *História e nova história*. 2. ed. Lisboa: Teorema, 1989. p.79.
- LEITE, L. H. A.; MENDEZ, V. Os projetos de trabalho: um espaço para viver a diversidade e a democracia na escola. *Revista de Educação*, Porto Alegre, ano 3, n. 4, p. 25-29, jan./jun. 2000.
- MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.
- PAIVA, E. F. *História e imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROSSI, V. S.; ZAMBONI, H. (Org.) *Quanto tempo o tempo tem*. São Paulo: Alinea, 2003.

SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. de R. (Org.). *Jörn Rüsen e o Ensino de História*. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SILVA, L. P.; TAVARES, H. M. Pedagogia de projetos: inovação no campo educacional. *Revista da Católica*, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 236-245, 2010.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NOTAS